

RESENHAS

AS ESTRATÉGIAS TEXTUAIS DE CLIFFORD GEERTZ

Fernanda Massi

Clifford Geertz. **El antropólogo como autor**. Barcelona, Ediciones Paidós, 1989, tradução de Alberto Cardín.

Apesar de pouco traduzido para a língua portuguesa, Clifford Geertz (1926-) é um autor conhecido do público brasileiro interessado em antropologia; presença constante nas bibliografias de teses e nos programas de cursos universitários. De fato, o autor ganha destaque na cena antropológica norte-americana nos anos 60, ao colocar o seu foco de atenção na até então ignorada "antropologia simbólica", que adquire reconhecimento através de duas correntes independentes; pelas mãos de Geertz na Universidade de Chicago e de Victor Turner, em Cornell.

Ainda que o termo "simbólico" faça jus à preocupação de Geertz com os símbolos como veículos de cultura, a designação "antropologia interpretativa", creio, traduz com maior fidelidade a perspectiva fundamental do seu trabalho, onde a idéia de compreensão e de métodos compreensivos - presentes no quadro da disciplina desde Boas - passa a ocupar o centro do sistema sob a inspiração das obras de Weber e de Schultz.

A importância do legado fenomenológico e a dívida explícita com os hermeneutas são aspectos salientados pelo próprio Geertz ao localizar a sua produção, em *Local knowledge: further essays in interpretative anthropology* (1983). Aí, ele se inclui entre as novas vertentes interpretativas que rompem com o paradigma das ciências

físicas e, portanto, com uma concepção 'reducionista' das ciências sociais. Tais vertentes, em sua opinião, vão procurar analogias no campo mesmo do social: a analogia do jogo em Goffman, a do drama em Turner e a sua própria contribuição, inspirada em Paul Ricoeur, onde a cultura é pensada em analogia ao texto.

Texto é, na verdade, uma palavra-chave na antropologia de Geertz. Primeiro, porque a cultura é pensada como texto socialmente elaborado (e como contexto no qual comportamentos adquirem inteligibilidade). Segundo, porque a preocupação com a análise literária e textual é uma constante em seus trabalhos, ainda que ele só a realize integralmente em *Works and lives, the anthropologist as author*, obra premiada pelo *National Books Critics Circle*, em 1988. Como afirma na introdução do livro, o trabalho está dedicado à escrita dos antropólogos, isto é, seu acento recai preferencialmente sobre questões literárias.

O esforço de Geertz em enfrentar o texto antropológico como material literário encontra eco na recente produção norte-americana, cujo foco desloca-se, progressivamente, dos "textos culturais" para o "making texts". A publicação da coletânea *Writing culture* (1986), por exemplo, revela o lugar privilegiado que os procedimentos textuais passam a ocupar na obra dos

antropólogos contemporâneos. Na introdução ao volume, James Clifford é enfático: "Não mais uma dimensão marginal ou oculta, a escrita emerge como central para o que fazem os antropólogos, no campo e fora dele" ("Partial truths").

A introdução de Clifford levanta uma série de pontos presentes em Geertz *Works and lives*. São eles: a necessidade do resgate da análise textual, até então obstaculizada pela ideologia da "transparência" da representação do texto etnográfico; a importância de não mais reduzir a escrita ao método, do tipo, tomar notas, fazer mapas, fixar resultados; a idéia de que os processos literários afetam o modo pelo qual os fenômenos culturais são percebidos e apresentados; e, finalmente, a visão da escrita etnográfica como "ficção", no sentido de artefato, de algo fabricado¹.

O cuidado de Geertz com as questões relativas ao texto aparece em vários momentos de sua obra, sobretudo através da idéia de que é no texto que o exercício de compreensão cultural se realiza; que por seu intermédio um determinado universo cultural pode ser transmitido a outros. Além disso, há algum tempo, o antropólogo-hermeneuta flerta com a crítica literária, vide, por exemplo, as referências constantes ao trabalho de vários deles: Burke, Frye, Spitzer. *Works and lives* representa, assim, o exame detido de questões anteriormente esboçadas e um mergulho mais profundo num universo já definido como objeto de interesse analítico, a comunidade dos antropólogos (vide "The way we think now: toward an ethnography of modern thought" in *Local knowledge*).

O livro é, sem dúvida, obra de um ensaísta maduro, resultado de uma trajetória solidamente construída. Além das monografias dos anos 60 sobre a Indonésia e o

Marrocos², Geertz reúne pela primeira vez seus ensaios em *The interpretation of cultures* (1973) - editado entre nós pela Zahar em 1978, com a inexplicável ausência do ensaio sobre Lévi-Strauss, "The cerebral savage: on the work of Claude Lévi-Strauss". Dez anos depois, publica novo conjunto de ensaios, *Local knowledge: further essays in interpretative anthropology*, infelizmente ainda sem tradução para o português, após uma outra incursão pelos estudos monográficos em 1980: *Negara - o Estado teatro no século XIX* (Difel/Bertrand Brasil, 1991).

A obra é composta por quatro ensaios, articulados por um fio comum, claramente anunciado na bela apresentação ao volume: a análise literária de textos antropológicos permite explicar o poder de convencimento que eles possuem, dado que tal eficácia persuasiva não tem origem na teoria, nem na descrição etnográfica, mas na própria escrita. Em suas palavras: "A habilidade dos antropólogos para fazer com que levemos a sério o que dizem tem menos a ver com seu aspecto factual ou com seu ar de elegância conceitual, do que com sua capacidade para nos convencer de que o que dizem é o resultado de terem podido penetrar (ou, se preferimos, terem sido penetrados por) outra forma de vida, de terem realmente 'estado lá'. E a persuasão a partir da qual este milagre ocorreu, é onde intervém a escrita" (p.14).

A eficácia do texto advém da escrita e também do autor, aquele que enuncia o discurso. Deste ponto de vista, a antropologia estaria mais próxima do campo da ficção, onde a presença autoral tem lugar importante no texto, do que do campo científico, onde ocorre o inverso. É aí, justamente, que reside o grande paradoxo da disciplina, não suficientemente tematizado: como construir textos científicos a partir de experiências claramente biográficas? Como combinar as

1. Devemos observar que embora *Works and lives* tenha sido publicado em 1988 - portanto após a aparição do volume organizado por Clifford e Marcus -, em 1983, Geertz dava uma série de conferências na Universidade de Stanford com o título "Works and lives - the anthropologist as author", citadas na bibliografia de *Writing culture*, e que constituirão a base do livro editado cinco anos depois.

2. Vide, entre outras, *Agricultural involution: the process of ecological change in Indonesia* (1963), *The social history of an Indonesian town* (1965), *Islam observed; religious development in Morocco and Indonesia* (1968, editado em 1971).

duas atitudes? Com o propósito de discutir tais questões, Geertz toma quatro exemplos para a análise: Lévi-Strauss, Evans-Pritchard, Malinowski e Ruth Benedict, "autores" na acepção de Barthes, quer dizer, fundadores de discursividade, criadores de "teatros de linguagem" onde outros atuaram e continuam atuando.

Após a leitura dos ensaios, é impossível não formular para Geertz a mesma questão que ele coloca para os autores em pauta: qual o poder de convencimento dos seus textos? Poderíamos dizer que a eficácia persuasiva dos quatro ensaios atua em ordem crescente: os primeiros convencem menos, os últimos mais. Vejamos.

No capítulo sobre Lévi-Strauss, Geertz inverte as leituras comumente feitas e se debruça sobre *Tristes trópicos*, trabalho em geral esquecido pelos intérpretes da produção lévi-straussiana. Ao realizar este importante resgate, porém, cai no extremo oposto, colocando o livro de 1955 no centro da obra de Lévi-Strauss. Diz ele, que além de ser o mais "bonito" dos textos do etnólogo francês e o mais "complexo" (*sic*), *Tristes trópicos* é o trabalho que melhor ilumina a totalidade de sua produção.

No que diz respeito à análise literária propriamente dita, Geertz alcança um bom resultado; de fato, o livro constitui um excelente material para este tipo de exercício que ele realiza com desenvoltura. Discordo apenas da afirmação de que *Tristes trópicos* alimentaria a mística do trabalho de campo fundada por Malinowski. Do meu ponto de vista, o livro, ao contrário, desmistifica o trabalho de campo e a figura heróica do etnógrafo. Mas trata-se de um detalhe. O que, a meu ver, ele não consegue realizar satisfatoriamente é a anunciada revisão da obra de Lévi-Strauss, a partir da leitura de *Tristes trópicos*.

No exame das estratégias textuais de Evans-Pritchard, Geertz parte, mais uma vez, de um texto "marginal" à produção antropológica do autor examinado. Só que agora, ele radicaliza a escolha e elege como objeto de análise nove páginas absolutamente desconhecidas, onde o antropólogo inglês

relata sua experiência de guerrilheiro na selva do Sudão, durante a Segunda Guerra - "Operações em Akobo e Gila Rivers, 1940-1941", publicado em 1973, numa revista militar inglesa.

Geertz justifica a escolha inusitada dizendo que o texto exhibe todas as características do discurso de Evans-Pritchard, de um modo que seus escritos antropológicos não costumam apresentar. Tal afirmação, entretanto, contradiz a abertura do ensaio: "Qualquer linha de Evans-Pritchard, estilisticamente um dos escritores mais homogêneos que se conhece, poderia servir, desde a introdução de um de seus trabalhos principais *Bruxaria, magia e oráculos entre os Azande*, de 1937 (...) até o último, *A religião nuer*, escrito em 1956 (...)" (p.59/60).

Geertz não consegue convencer o leitor da exemplaridade do texto escolhido, nem satisfazer do ponto de vista de sua análise. Afinal, o que a minuciosa leitura revela é a escrita realista de Evans-Pritchard e sua enorme habilidade em construir representações visuais de fenômenos culturais, numa espécie de sucessão de diapositivos antropológicos. Poderíamos nos perguntar, entre outras coisas, se este é um traço específico, distintivo e representativo da produção de Evans-Pritchard.

Malinowski, por sua vez, está presente no livro também através de um texto "atípico", o seu *Diary in the strict sense of the term* (1967), a partir do qual Geertz examina a construção do que ele denomina o "eu-testemunha" no texto. Segundo o intérprete, Malinowski consegue convencer o seu leitor a partir da projeção em seus trabalhos de duas imagens antitéticas: a do "investigador perfeito", figura objetiva, sem paixões, que capta a realidade em sua imediatez, e a do "cosmopolita absoluto", de ampla capacidade adaptativa, que consegue alcançar o que os selvagens pensam e sentem.

A obra de Malinowski explicitaria, deste modo, o paradoxo central da disciplina: seu lugar oscilante entre ciência e ficção. Por esta razão, ela permite a Geertz retomar a questão central do livro - a tensão entre os dois momentos arquetípicos da experiência

etnográfica, o campo e a escrita - e discutir o legado malinowskiano para os jovens antropólogos, que, segundo ele, se traduz menos no método, a "observação participante", mas sobretudo num dilema literário, a "descrição participante". As perguntas básicas que a obra de Malinowski coloca e que repercute nas novas gerações são: como representar o *processo* da investigação em seu *produto*? Como introduzir o "eu-testemunha" em uma história dedicada a pintar os outros?

Apesar da indiscutível pertinência das questões levantadas, há um certo exagero de Geertz em enfatizar a importância do "dilema literário" na obra de Malinowski. Evidentemente, é possível ler Malinowski, e vários outros, sob este prisma, o que não quer dizer que seja este o principal problema levantado por sua obra. A escrita é, sem dúvida, um dilema maior para Geertz do que para o antropólogo polonês.

O ensaio que fecha o volume projeta uma luz nova sobre a obra de Ruth Benedict. De novo, o ponto de partida é um texto "menor" - um artigo de 1925 intitulado "Os usos do canibalismo" -, só que desta vez Geertz alcança uma compreensão mais ampla da obra de Benedict, filiando-a à tradição literária representada por Swift e suas *Viagens de Gulliver*. O argumento defendido é que em seus trabalhos, a antropóloga norte-americana justapõe o familiar e o exótico de forma que ambos trocam sistematicamente de lugar. Isto é: ao falar de outras culturas, Benedict flagra sua própria sociedade. A propriedade da interpretação, entretanto, não nos impede de notar, com Guilherme B. Gomes, que ela independe do exame de estratégias textuais³.

3. Nas palavras do autor: "Por mais que Geertz fale da firmeza da intenção, da severidade e da candura de seu estilo; por mais que aponte para a incisividade de suas linhas, o argumento básico independe de uma análise intrinsecamente textual". Gomes Jr, Guilherme B. "A hermenêutica cultural de Clifford Geertz". *Margem*, São Paulo, EDUC, 1992, p. 42.

Para uma análise minuciosa de *Works and lives*, conferir o ensaio de Mariza Peirano "Só para iniciados", *Série Antropologia* n. 82, Fundação Universidade de Brasília, 1989.

Se a leitura detida de cada um dos ensaios permite reparos e observações, o livro em seu conjunto inquieta o leitor, já que, como vimos, toca em questões fundamentais de modo inusitado, surpreendente. Aliás, esta é uma sensação freqüente provocada pela leitura de Geertz, pelo menos de sua obra ensaística: mesmo sem estarmos totalmente convencidos do argumento como um todo, ele nos faz pensar, nos encanta.

Este poder encantatório do texto de Geertz constitui talvez uma de suas armas mais poderosas, do ponto de vista do estilo, no que diz respeito ao convencimento do leitor. Ensaaios enxutos, repletos de jogos de palavras e duplos-sentidos, libertos de jargões e salpicado de 'insights' sugestivos, satisfazem plenamente no que diz respeito à forma, ao prazer da leitura. Mas que a sedução da escrita não desvie o leitor dos problemas do texto e, fundamentalmente, de seus achados magistrais.